

Fantasia originárias e teorias sexuais infantis

FANTASIAS ORIGINÁRIAS E TEORIAS SEXUAIS INFANTIS: O INCONSCIENTE DO INCONSCIENTE

Uma parte significativa deste capítulo encontra inspiração e algumas linhas de investigação num pequeno ensaio a que o tempo, com o habitual atraso, certamente fará justiça. Não é fácil encontrar na literatura psicanalítica algo como “*Fantasia Originária, Fantasia das Origens, Origem da Fantasia*“, artigo publicado no nº 215 de *Les Temps Modernes*, em abril de 1964. Laplanche e Pontalis podem orgulhar-se do (lacônico) elogio com que Masotta apresenta seu trabalho na edição argentina: é alguém que sabe do que está falando. O ensaio refaz os árduos labirintos borgianos em que a teoria freudiana gastou incansáveis carretéis à procura da saída, para reencontrar ressuscitado e à espreita o mesmo Minotauro de sempre, armado com a pergunta da Esfinge e a perenidade dos gatos.

Ao abandonar a teoria do trauma/sedução, Freud depara com duas pistas, a menos transitável sendo também a de maior alcance. Opta por ambas e, como se não bastasse, fica disponível para pesquisas suplementares, cuja finalidade, a princípio, está longe de ser clara.

Laplanche e Pontalis interessam-se em acompanhar o criador da psicanálise nas suas erráticas excursões pela selva da fantasia, sem levar mais que um pobre equipamento de positivista – a fé cega no determinismo mental juntamente com o pressuposto de que a sua origem jaz no ambiente e/ou no organismo.

Freud dispõe de uma bússola rudimentar, dizem os autores franceses, que aponta alternativamente para um ou outro desses pólos dilemáticos. Quando a primeira região explorada (o ambiente) começa a dar sinais de esgotamento, a esperança magnetiza o lado oposto da agulha. Desse ponto de vista, os *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* representam uma reviravolta na teoria.

Se o acontecimento se oculta, então reabilita-se o outro termo da alternativa: a constituição. Visto que o real, numa de suas modalidades, falha e se revela não sendo mais que uma “ficção”, é preciso buscar em outra parte um real que funde esta ficção.[1]

Uma peculiaridade curiosa parece marcar desde então o procedimento de Freud. Parte de seus esforços é dedicada a solidificar as bases e construir os pilares da teoria das neuroses. Mas o que parecia ser, muito logicamente, a sua única preocupação até 1897, passa por um processo de proliferação de interesses. Sonhos, lapsos e piadas despertam-lhe o interesse, não menos que a arte. Não será novidade dizer que essa indagação quase anárquica encontra explicação no que os fenômenos em questão têm de revelador sobre o funcionamento do inconsciente. Para aprofundar a compreensão da neurose, Freud sente-se obrigado a percorrer caminhos os mais afastados de sua rota original, como um navegador

que para provar a esfericidade do planeta precisasse circundar-lhe a superfície em todas as direções e entendesse necessário situar coerentemente no novo mapa cada um dos acidentes geográficos dignos de menção.

Em outras palavras, a hipótese referente ao inconsciente só seria confirmada caso abrangesse não apenas conflitos e sintomas mas também o universo refratário à “psicopatologia da vida cotidiana”.

Com a investigação da sexualidade Freud aprofunda o que poderia ser entendido (equivocadamente) como o aspecto organicista da psicanálise. Segundo essa suposição, os impulsos parciais do desenvolvimento da libido teriam sua origem em fontes somáticas e se localizariam em regiões anatômicas que sediam os intercâmbios com o exterior, assim como as primeiras grandes cidades se ergueram ao redor dos portos.

O respectivo papel na teoria consiste em fornecer uma base para explicar a neurose, órfã da teoria do trauma. O trauma, incomprovável e em certa medida inverossímil, havia sido substituído pela noção de fantasia. Enquanto esteve em vigor, a teoria do trauma/sedução exigiu a compreensão da perversão que estaria em sua origem. Contudo, ao perseguir essa pista, Freud descobre que a origem da perversão jaz na... sexualidade infantil. E na origem desta está o corpo, evidentemente. Nesse momento, Freud ainda não distingue corpo e organismo. Em 1905, data de publicação dos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, o corpo é pensado através de um enfoque quase puramente biológico.

A possibilidade de uma abordagem diferente já havia sido sugerida pela hipótese de que a sintomatologia histérica constituía a dramatização do conflito psíquico no teatro somático. Não sem razão Laplanche e Pontalis vêm no novo rumo um elemento regressivo, em comparação com a direção psicológica que orientava a teoria do trauma. Com a mudança de direção, algo se perdeu, cuja recuperação não será fácil.

Entretanto, seria injusto esquecer que Freud desce aos infernos com o firme propósito de resgatar Eurídice. Nos duros combates que se seguem, contra todos os autores que, legitimamente ou não, utilizam o arsenal das glândulas, hormônios, bioquímica, hermafroditismo e outras armas destinadas a anexar a sexualidade ao campo do biológico, ele faz alarde de uma coragem e cautela exemplares. Quando a trégua permite o balanço da situação, verifica-se que a psicanálise conquistou uma cabeça-de-ponte e a protegeu de maneira a impossibilitar qualquer contra-ataque.

A partir dessa base suas forças avançarão sem cessar, levando o estandarte do psíquico onde parecia menos propício. Os *Três Ensaio*... constitui um dos únicos livros (o outro sendo *A Interpretação dos Sonhos*) que Freud se preocupou em reatualizar constantemente (mediante interpolações no texto e rodapés enormes), aliás com uma periodicidade curiosamente regular, de cinco em cinco anos. Os acréscimos traduzem inequivocamente a reinterpretção da sexualidade a partir do enfoque psicológico. Dessa maneira, matizando ou corrigindo as análises iniciais, é alterado o rumo biologizante do texto original.

Em 1923 o livro é finalmente concluído com o pequeno capítulo fundamental que dá novo sentido à obra: “*A Organização Genital Infantil*”, ponto nodal para onde convergem duas linhas de pensamento até então paralelas, as temáticas da fantasia e da sexualidade infantil.

A simultaneidade entre o abandono da teoria do trauma e a primeira menção ao Édipo, como assinalam com propriedade Laplanche e Pontalis, despistou os historiadores. Não é o Édipo que substitui o trauma, e sim uma sexualidade infantil situada muito próxima à fronteira do orgânico... protegida por essa tênue cabeça-de-ponte incessantemente ampliada e que, de início, parece assustadoramente frágil ao gravitar em torno à imensa massa da biologia.

Pelo menos quatro direções podem ser apontadas após um exame cuidadoso dos textos freudianos entre 1897 e 1910. Primeira e principalmente, trata-se de investigar a *sexualidade*: rumo ao orgânico (para subvertê-lo, ver-se-á depois) e com a finalidade de compreender o sintoma neurótico, função principal da teoria. A *fantasiavam* a seguir. Destinada a ser o objeto por excelência da prática clínica, ao mesmo tempo que um dos mais árduos enigmas teóricos, Freud a examina de vários ângulos, enquanto a vê desincumbir-se cada vez mais eficazmente da elucidação dos sintomas.

Subjazendo à sexualidade infantil, ao sonho, à arte, à vivência familiar, cabe à fantasia relativizar tanto a importância das excitações orgânicas (a que se poderia supor reduzida a sexualidade) como das experiências do sujeito, notoriamente insuficientes para dar conta das peculiaridades individuais.

Com a teorização dos *sonhos*, Freud parece decidido a jogar de vez a carta do psicológico. Emerge então lentamente, nível mais profundo responsável pelas significações, um “inconsciente” do inconsciente. As suas caracterizações anteriores como “depósito de traumas” e “caldeirão de impulsos sexuais” são relegadas à função de mera fachada da teoria, que avança em direção a um desconhecido cada vez mais difícil de sintetizar. À profundidade soma-se a extensão: o estudo do maravilhoso e do absurdo (o sonho) ou do cotidiano mais banal (piadas, atos falhos), começa a justificar a suposição da insuspeitada ubiquidade do inconsciente, cuja primeira extensão extrapolara os limites da neurose e que agora deixa de aplicar-se unicamente aos sintomas, para invadir toda a esfera dos comportamentos humanos.

Enfim, surge uma nova concepção das *relações familiares*, contempladas fora dos extremos do trauma, da sedução e da repressão, que atenua progressivamente o peso de uma visão linearmente causalista do sintoma. Da mesma forma que a partir dos *Três Ensaio...* a heterossexualidade exigirá, não menos que outras preferências sexuais, uma renovada atenção, assim as relações entre pais e filhos, ainda que desprovidas do aspecto dramático predominante na teoria do trauma, encerram um sentido de extrema importância a ser desvendado sob a capa de sua plácida aparência.

Aqui reside o aspecto “ambientalista” que escapou do expurgo conseqüente *à débâcle* da teoria do trauma: a criança não foi jogada fora junto com a água suja do banho. Trata-se do caminho que conduz ao *Édipo*. Obviamente, Freud ainda não o sabe. Nesse momento, o famoso complexo entra em cena apenas como figurante, no papel de uma analogia ilustrativa. Mas o bom detetive é aquele que segue todas as pistas, mesmo se parecem afastá-lo do local do crime.

Acompanhemos primeiramente as vicissitudes da teorização da fantasia. Laplanche e Pontalis orientarão o caminho.

...a fantasia não é somente um material a ser analisado, que se manifeste diretamente como ficção (no devaneio) ou cujo caráter de construção precise ser demonstrado em oposição às aparências (recordação encobridora); é também um resultado da análise, um (ponto) terminal, um conteúdo latente a ser descoberto atrás do sintoma. De símbolo mnêmico do trauma, o sintoma transforma-se então em encenação de fantasias (assim, uma fantasia de prostituição, de “mulher de rua”, pode ser recuperada atrás do sintoma de agorafobia).²[2] Freud passa então a explorar esse campo, fazendo o inventário de suas formas mais típicas. A ambigüidade da fantasia é surpreendente. Passeia despreocupadamente pela consciência, na calçada oposta ao raciocínio, sob a forma inconseqüente do devaneio, e não hesita em aplicar sutil maquiagem que atenua ou oculta os vestígios do passado. Outras vezes, ao carregar o pesado fardo do sentido do sintoma, costuma usar disfarces tão convincentes que toda perícia parece pouca para identificá-la.

Freud precisará aliar a agilidade do caçador de borboletas à virtude oposta da paciência para seguir a lenta metamorfose da larva encasulada. Mas quem põe os ovos da fantasia?

Na coleção heterogênea das produções devidas à imaginação, a ordem assume lentamente a forma de uma diferenciação, imposta aliás pela lâmina psicanalítica a todo e qualquer material com que se depare: de um lado o manifesto, de outro o latente. Nova distinção é alcançada quando a investigação passa a encontrar repetidamente três formas típicas, cuja universalidade é intrigante, e que são isoladas para posterior interrogatório:

...Entre o acervo de fantasias inconscientes de todos os neuróticos e provavelmente de todos os seres humanos, existe uma que raramente se acha ausente e que pode ser revelada pela análise: é a fantasia de observar as relações sexuais dos pais. Chamo tais fantasias – da observação do ato sexual dos pais, da sedução, da castração, e outras – de “fantasias originárias”.³[3]

Que outras são essas? Provavelmente Freud se refere às teorias sexuais infantis, tema de um artigo escrito em 1908, onde a psicologia recupera o terreno perdido nos *Três Ensaio...* mediante a notável constatação do pertinaz interesse das crianças por questões relativas à sexualidade. “...nenhuma criança – pelo menos nenhuma que seja mentalmente normal e menos ainda as bem dotadas intelectualmente – pode evitar o interesse pelos problemas do sexo nos anos anteriores à puberdade”⁴.

Depois do corpo chegava a vez da própria mente ser subtraída à confortadora imagem de inocência que representava o traço distintivo da infância.

A origem desse interesse é convincentemente derivada da “...perda realmente experimentada ou justamente temida dos carinhos dos pais”⁵, preocupação que instiga a criança a decifrar o enigma do nascimento. A pergunta pela origem dos bebês trai uma curiosidade indignada, cuja formulação bem poderia ser: “De onde veio esse bebê intrometido?”, ou ainda, “de onde pode ele vir para que eu possa evitar?”

Há um aspecto cômico, devidamente explorado pelo anedotário dedicado ao tema, resultante da incompatibilidade entre as explicações ministradas pelos adultos e a

desconfiada curiosidade infantil. Aqueles procuram tanto quanto possível responsabilizar repolhos e cegonhas; as crianças, por sua vez, estão certas de que algo se passa num lugar do qual querem desviar-lhes a atenção: o corpo materno. “Dizer a verdade”, louvável iniciativa, não parece ter conseqüências muito melhores do que transformar o que era incredulidade numa atônita incompreensão.

A causa, diz Freud, é que a criança, independentemente das informações que recebe ou lhe são escamoteadas, conduz a sua pesquisa e acaba chegando a resultados que “...*não surgem de um ato mental arbitrário ou de impressões casuais, mas das necessidades da constituição psicosexual... motivo pelo qual podemos falar de teorias sexuais típicas...*”.[4]

Se por um lado não pode ser enganada mediante aves migratórias ou vegetais aconchegantemente côncavos e por outro não tem acesso à compreensão da fisiologia sexual, isso se deve a uma de suas crenças mais preciosas: sem exceção, todos os seres são dotados de pênis.

Embora fosse ressalvado nas primeiras linhas do artigo citado que as observações diziam respeito exclusivamente ao sexo masculino, a premissa da universalidade do pênis é postulada universal. Freud busca onde pode a razão desse que talvez seja o melhor exemplo de uma “realidade psíquica” plenamente irreduzível a qualquer experiência presente ou passada, individual ou coletiva, adquirida ou genética. A excitabilidade do órgão talvez explique o prazer decorrente de sua manipulação, sugere dubitativamente; mas permanece vigente o enigma desse orgulho tão caracteristicamente masculino, obrigando a buscar outros motivos para o valor auto-erótico e narcísico que constitui a auréola da virilidade. Curiosa veneração, cuja compreensão passa a ser um desafio a enfrentar, cedo ou tarde.

As conseqüências da diferença anatômica marcariam a feminilidade com a inveja e o sentimento de privação, enquanto a aparente vantagem masculina se esvai face ao medo da castração, ameaça que pesa unicamente sobre os supostos privilegiados.

O desconhecimento da vagina favorece a idéia de que o bebê nasce pelo ânus, através de um ato semelhante à defecação, hipótese associada ao crescimento da barriga. (Ver-se-á posteriormente que se trata de uma maneira sutil de prescindir da função paterna). A concepção sádica do coito parece derivar do ciúme que a criança sente diante da privacidade do casal. Ela não poderia deixar de fazer conjecturas sobre a existência de um misterioso contato íntimo associado ao casamento. A relação entre a produção de bebês e as práticas noturnas parentais, porém, não chega a ser elucidada pelo pequeno pesquisador. De qualquer maneira, surpreende-se Freud, impressiona que a imaginação infantil se aproxime tanto do que seja um ato sexual, a crer nas fantasias retrospectivamente relatadas pelos pacientes, e, mais ainda, para entendê-lo como uma violência praticada pelo homem contra sua companheira de cama. Ou seria preciso admitir que a criança efetivamente viu algo do gênero?

Após constatar a rica produção imaginária infantil, Freud se divide entre buscar-lhe a origem ou a significação, rumos menos complementares que opostos. O segundo leva diretamente ao Édipo. Com uma argumentação simples mas irrefutável, é demonstrada a extrema dependência da criança face aos adultos e suas significativas conseqüências. Surpreende sobremaneira que só a fantasia de sedução e o interesse pelo nascimento se beneficiem dessa solução.

A outra alternativa escraviza Freud à verdadeira tarefa de Sísifo que constitui a busca da origem das fantasias de castração e do testemunho do coito dos pais (“cena primária”). Afinal, mesmo para seu atônito descobridor, a realidade psíquica, mal emancipada das aspas relativizantes, não poderia prescindir de uma âncora factual. A cena primária, objeto de uma inconclusiva e exasperante discussão teórica no *Homem dos Lobos*, é atribuída hesitantemente ao costume de manter o berço do recém-nascido no quarto dos pais. Não há outra maneira de justificar à concepção realista que as crianças têm de um acontecimento cujo testemunho (salvo exceções) só poderia ter sido facilitado por negligência a bebês e cuja significação sádica ocorrerá apenas mais tarde, no ápice do interesse sexual infantil – ou seja, entre três e quatro anos.

Indo tão longe na história da espécie quanto fôra na do indivíduo, a crença na ameaça de castração é derivada por Freud de acontecimentos pré-históricos cuja perpetuação se daria por transmissão genética para atingir todas as gerações posteriores. O terrível pai dos tempos primitivos (*Urfater*) efetivamente teria castrado seus filhos no intuito de monopolizar as mulheres do grupo. A instauração das restrições sexuais (tabu do incesto), que se seguem a seu assassinato, marcaria o início da cultura. Essas suposições, privilegiando a memória de um passado mais do que remoto e cuja improbabilidade é evidente, só abalam o edifício teórico na medida em que são tidas como necessárias para a compreensão das respectivas fantasias.

O prefixo *Ur*, abundantemente empregado na descrição da aurora dos tempos, chama a atenção de Laplanche e Pontalis, que consagram um incisivo parágrafo ao comentário de sua função. Presente em *Urszene* (cena primária), *Urphantasie* (fantasia originária), *Urverdrangung* (recalque originário), seria, segundo Laplanche e Pontalis, a solução provisória encontrada por Freud para evitar o recurso à experiência individual (contingente, aleatória), material demasiado frágil para construir as bases teóricas (como demonstrado pela teoria do trauma).

Por outro lado, Freud mantém-se atento ao perigo oposto, o de acorrentar sua reflexão aos grilhões do orgânico, que dissolvendo o indivíduo na espécie aboliria a possibilidade de focalizar a subjetividade. O movimento que obriga a abandonar a teoria do trauma e cumula de acréscimos tardios os *Três Ensaio*s... tem esse sentido. A psicanálise não sabe exatamente o que colocar no lugar daquilo que rejeita. Contraí assim uma dívida a ser cobrada impiedosamente por seus opositores...

É na condição de nota promissória que o adjetivo “primário” ou “originário” procura combinar o universal do biológico com a lógica do ambiental. A sua fusão, porém, só é possível no vácuo de um passado mítico. Ainda que a esse preço, conserva-se a liberdade (apenas) suficiente para continuar a pensar a condição humana fora das inaceitáveis alternativas anteriores. Foi ganho mais um prazo para manter o psiquismo livre da tutela da sociologia e da medicina.

Articular a liberdade relativa do indivíduo com as férreas leis que regem a espécie é aliás uma tarefa tão difícil como reunir corpo e alma, separados desde Descartes. A semelhança da dificuldade deixa de ser mera coincidência quando compreendemos que, na verdade, se trata da mesma coisa. No século XVII, a ciência renunciara à subjetividade para apossar-se da *res extensa*; cabe à psicanálise quebrar esse acordo de cavalheiros ao reivindicar a alma para estudo. Se a indignação com que a religião e a filosofia recebem a insolente requisição é compreensível, que motivo explicaria a má vontade das ciências (naturais ou humanas) em adotar essa filha pródiga, transformando-a antes em trãsfuga embaraçosa?

Talvez a recusa da ciência dos sonhos em deixar-se seduzir pelos grosseiros instrumentos de um reducionismo esterilizante. A psicanálise vê-se na incômoda posição de instituir um método que a ciência se nega a legitimar e propor uma teoria execrada tanto pelo transcendentalismo religioso como pelo idealismo filosófico.

Jung pretendeu deter o bumerangue da insolúvel questão das origens responsabilizando o adulto por essas ficções que não teria imaginado anteriormente. Enfatizando o trauma do nascimento, Rank vai na direção oposta, ao afirmar que a imaturidade do indivíduo é diretamente proporcional ao peso decisivo das primeiras experiências de separação. Freud, maior crítico da psicanálise e simultaneamente seu mais ardoroso defensor, constrói cautelosamente uma surpreendente concepção da infância, rigorosamente próxima dos dados clínicos, e permanece atento à especificidade do momento em que a criança é subitamente dilacerada por desejos diametralmente opostos.

O caso do Pequeno Hans representa a descoberta da fantasia de castração e aponta para a crucialidade do quarto ano de vida e adjacências; não por coincidência o *Homem dos Lobos* significará na mesma época o coito dos pais. A descoberta da fase fálica está a caminho. Pode surpreender que a interpretação proposta por Freud não abandone a exigência de um causa, pré-subjetiva ou pré-histórica, e mais ainda quando se sabe que ele pôde decifrar a fantasia de sedução como o reflexo invertido da vivência que toda criança tem com as figuras parentais. Tem-se a impressão que o rastreamento decepcionante da causa precede em Freud o encontro da significação, cuja função libertária na teoria é tão semelhante à do *insight* na clínica.

Tudo acontece como se, tendo à mão os preciosos elementos arduamente obtidos de um quebra-cabeças até então indecifrável, a investigação fosse detida por um fator misterioso que bloqueasse o caminho. Não por acaso Freud deplorou a sorte desse injustiçado descobridor chamado Colombo, talvez pelos mesmos motivos que explicam seu interesse por Moisés e a admiração adolescente devotada a Aníbal, heróis cujas notáveis proezas foram punidas por um destino vingativo com a negação da recompensa merecida.

Laplanche e Pontalis propõem a seguinte interpretação para a significação das fantasias originárias:

Fantasias das origens: na cena primária, é a origem do indivíduo que se vê encenada; nas fantasias de sedução, é a origem, o surgimento da sexualidade; nas fantasias de castração, é a origem da diferença dos sexos.⁷[5](...) Sob a máscara pseudocientífica da filogênese, nos símbolos mnêmicos herdados aos quais recorre... ”⁸[6]

seria possível reconhecer a persistente perseguição à causa última onde Freud pretende alicerçar a psicanálise. O preço, porém, torna-se exorbitante: desta vez é com justiça que a ciência recusa o seu aval. Se em busca do tempo perdido a teoria corre o risco de transformar-se em mito, a volta ao presente permite reaver a nitidez de foco. Não é difícil perceber onde a criança vai procurar o material com que encena suas fantasias de sedução. O contato corporal com os adultos, os carinhos recebidos, o ritual do banho, quando genitais e mucosas excretórias são objeto de cuidados higiênicos, tudo isso configura uma situação reiterada anos a fio, sendo suas alterações sentidas como abandono, afastamento, perda. Lacan se perguntará pelo sentido das fantasias de castração e da cena primária. A essa indagação cabe acrescentar a necessidade teórica de elucidar o elo entre as teorias sexuais infantis e as fantasias originárias. Sob essa condição será finalmente possível reunir a constelação de sentimentos ambivalentes que modulam as relações familiares. O cenário previamente montado (teorias sexuais infantis) permite a representação (fantasias originárias), em que são dramatizadas as peripécias do protagonista às voltas com a posse exclusiva do desejo do adulto, sua perda e a concomitante vitória do rival.

Divergindo de Laplanche e Pontalis, e reunindo num único conjunto as fantasias originárias e as teorias sexuais infantis, pode-se propor a seguinte interpretação: trata-se da passagem do número dois para o três, ou seja, da completude para a falta. O Édipo não consiste senão na emergência do terceiro, isto é, do desejo, e portanto, da identidade própria. Antes do “*Big Bang*” do dois existia apenas o um da “simbiose” (ou “indiferenciação”, “auto-erotismo”, “corpo despedaçado”)

Especificando:

Sedução: (“*eu era tudo*”); castração (“*perdi meu lugar*”); cena primária: (“*alguém o usurpou*”).

As teorias do nascimento cloacal, do coito sádico e da crença fálica expressam a exigência da indiferenciação, transformando todos os adultos em apenas um, cujo interesse seria exclusivamente dirigido à própria criança.

O nascimento cloacal faz o nascimento depender exclusivamente da demanda pelo bebê, negando a relação amorosa, enquanto o coito sádico transfigura o amor em agressão e a crença fálica demonstra que os adultos são iguais e indiferenciados, sendo seu único objeto de interesse a própria criança.

As teorias sexuais infantis, desse ponto de vista, esforçam-se em manter a vigência do par narcísico e dirigem seu anátema à falta, ao terceiro, conseqüência inevitável da aquisição de linguagem.

A negação da diferença anatômica, a recusa em reconhecer mais de um responsável pelo nascimento, a interpretação do carinho dirigido a outro como agressão ilustram a exigência

infantil de que exista apenas um tipo de relação, da qual a criança seria a única protagonista, quer enquanto objeto de desejo do outro quer como proprietária exclusiva do seu amor.

Se a essa descrição da vida afetiva sob o regime fálico, concomitante à aquisição da linguagem, forem acrescentadas as significações ocultas sob as denominações anatômico/fisiológicas das duas primeiras fases do desenvolvimento da libido, será possível formular a teoria estrutural do Édipo, que se tornará então a descrição do processo de constituição do sujeito.

[1] J.Laplanche e J.B.Pontalis, “Fantasia originária, fantasia de los orígenes, origen de la fantasia”, in *El inconsciente freudiano y el psicoanálisis francés contemporáneo*, Buenos Aires Ediciones Nueva Visión, 1976, p.116.

2 Id. ib., pp. 119-120

3 O.C., S. Freud, vol. XIV, p. 303.

4 O.C., S. Freud, vol. IX, p. 214.

5 O.C., S. Freud, vol. IX, p. 216.

6 *Id. ib.*, p. 218.

7 Laplanche e Pontalis, op. cit., p. 125.

8 *Idem.*